

ASPECTOS DA CULTURA POPULAR EM *HISTÓRIAS DE ALEXANDRE*, DE GRACILIANO RAMOS: UMA RECEPÇÃO PROBLEMÁTICA

Rosalia Rita Evaldt Pirolli*

RESUMO: Neste artigo, iremos propor uma análise do livro *Histórias de Alexandre*, de Graciliano Ramos, publicado em 1944 e republicado posteriormente sob o título de *Alexandre e outros heróis*, a partir de certas aproximações possíveis com a cultura popular. Em um primeiro momento, iremos delinear o percurso da recepção dessa obra, atravessada por uma série de preconceitos motivados por uma visão estreita de cultura popular, considerada na época como uma produção rústica, inculta (BURKE, 2010). Tal visão relegou essa publicação, até recentemente, a uma espécie de limbo crítico. Em seguida, apontaremos o papel da cultura popular na composição do livro, que se apropria de elementos característicos de compêndios e de coletâneas de folclore e de narrativas populares, abundantes na passagem entre os séculos XIX e XX. Além disso, aspectos da cultura popular também participam na organização narrativa de *Histórias de Alexandre*, pois o autor coloca em cena uma personagem, que procura emular, registrar e perpetuar o narrador nato proposto por Benjamin (1994).

Palavras-chave: Cultura popular. *Histórias de Alexandre*. Graciliano Ramos. Recepção. Narrador.

RÉSUMÉ: Dans cet article, nous proposerons une analyse du livre *Histórias de Alexandre* de l'écrivain brésilien Graciliano Ramos, paru en 1944 et publié plus tard sous le titre d'*Alexandre e outros heróis*, ayant comme point de départ sa relation avec la culture populaire. D'abord, nous irons présenter le parcours de la réception de ce livre, influencée par des préjugés motivés par une vision assez restreinte à propos de la culture populaire, considérée à l'époque comme une production rustique, peu digne d'attention (BURKE, 2010). Cette vision a limité jusqu'à très récemment la réception critique de cette oeuvre. Ensuite, nous montrerons l'importance de la culture populaire pour la composition du livre, qui emprunte des éléments caractéristiques des recueils de folk-lore, très populaires entre la fin du XIX^e et le début du XX^e siècle. Finalement, nous présenterons la relation entre la culture populaire et la composition narrative de *Histórias de Alexandre*, car l'auteur met en scène un personnage qui reproduit et perpétue un type très spécifique de narrateur proposé par Benjamin (1994).

Mots-clés: Culture populaire. *Histórias de Alexandre*. Graciliano Ramos. Réception. Narrateur.

1 *Histórias de Alexandre*: uma recepção problemática

A obra do escritor Graciliano Ramos teve, desde a publicação de *Caetés* (1933), uma grande visibilidade crítica, amplamente documentada em publicações como a fortuna crítica até meados da

* Doutoranda na Universidade Federal do Paraná, Mestre em Letras pela mesma Instituição, Mestre em Ciências da Linguagem pela Université Stendhal Grenoble 3, bolsista CAPES. E-mail: rpirolli@gmail.com

década de 1970, organizada por Sonia Brayner, e o volume de ensaios de Antonio Candido, *Ficção e confissão*. No entanto, há uma porção da obra desse autor que, até recentemente, tinha sido ainda pouco estudada. Tal produção, escrita majoritariamente entre *Vidas secas* (1938) e *Infância* (1945), compreende três volumes: *A Terra dos meninos pelados* (1962), *Histórias de Alexandre* (1944) e *Pequena história da república* (1962). É importante ressaltar que, segundo parte da crítica que trabalhava com a obra de Graciliano Ramos, como, por exemplo, Rui Mourão, Fernando Cristóvão e Nelly Novaes Coelho, esse período corresponde a uma transição na qual o autor teria passado de uma escrita ficcional a uma memorialística, o que se comprovaria pela publicação subsequente de *Memórias do cárcere*, em 1953, e de *Infância* (1945).

O livro que será analisado mais detidamente neste artigo foi escrito, de acordo com Cristóvão (1975, p. 148), entre 10 de julho de 1938 – data que aparece no final de “Apresentação de Alexandre e Cesária” – e 21 de julho de 1940. No entanto, antes da primeira edição em livro, em 1944, várias dessas histórias foram publicadas separadamente em jornais:

De fato, os primeiros manuscritos da obra estão datados de 1938, sendo possível encontrar capítulos do livro publicados em periódicos cariocas já nesse ano. “Um papagaio falador”, apareceu no *Diário de Notícias*, com o subtítulo de “conto para crianças”, no dia 25 dezembro desse ano. “O olho torto de Alexandre” e “História de uma guariba” foram publicados no mesmo periódico, nos dias 21 de maio e 12 de novembro de 1939, respectivamente, já sem o qualificativo de leitura infantil. Em 23 de maio de 1944 [...], uma pequena nota na coluna Livros do dia, do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, anunciava um novo livro do escritor: *Histórias de Alexandre*, a sair pela editora Leitura. (MONTEIRO FILHO, 2013, p. 7)

Da publicação esparsa em jornais ao lançamento em livro, pode-se perceber um notável silêncio por parte da crítica. Em nota publicada no jornal *A Manhã*, o redator espanta-se diante dessa nova publicação do então célebre escritor alagoano:

A Editora Leitura anuncia um livro de Graciliano Ramos: “Histórias de Alexandre”. **História folclórica sobre dois tipos característicos do Norte**. O que parecerá estranho, porém, – sobretudo aos que resolveram transformar a literatura em arma de guerra – é o romancista publicar um livro assim, de divertidas histórias, em momento de tanta luta. (A MANHÃ, 1944, p. 3, grifo nosso)

Tal percepção, que acentua de modo pejorativo o caráter popular, será recorrente nos poucos artigos e notas que anunciaram o lançamento do livro. Nesse momento, apesar do crescente trabalho de etnógrafos e folcloristas, a cultura popular ainda era considerada, por uma parte significativa da

intelectualidade, como uma manifestação pouco digna de nota, como o produto rústico de uma classe subalterna, iletrada e, portanto, distanciada daquilo que se chama de grande tradição (BURKE, 2010).

Além dessa nota preconceituosa e reducionista que irá influenciar significativamente a recepção de *Histórias de Alexandre*, é notável também uma espécie de imprecisão em relação ao público ao qual se destina o livro. Como vimos anteriormente, a primeira história publicada em jornal, “Um papagaio falador”, acompanhava uma rubrica que explicitava qual era o seu público: “Conto para crianças”. Essa informação, porém, desapareceu nas histórias seguintes, mas parece-nos, nesse caso, que a associação entre o tema folclórico, a leveza, o humor e o público infantil já estava consolidada. Em uma entrevista concedida por Graciliano Ramos ao jornal *A Noite*, publicada em 19 de dezembro de 1944, o autor menciona um volume tematizando o folclore, mas sem se referir especificamente ao público previsto. Entretanto, o jornalista apresenta o livro já explicitando a associação entre essa nova publicação e o (inesperado) público infantil:

– E para o folclore, também. A minha “História de Alexandre” sairá dentro em pouco, por sinal que com lindas ilustrações de Santa Rosa. Graciliano Ramos mostra alguns desenhos. São, efetivamente, dignos de uma citação, e mostra mais uma vez, a pujança do talento de Santa Rosa. **Resta explicar que “História de Alexandre” é puro folclore nordestino para as crianças do Brasil.** (A NOITE, 1944, p. 17, grifo nosso)

A primeira edição de *Histórias de Alexandre*, publicada pela pequena editora Leitura, era o segundo volume de uma coleção intitulada “Menino-homem”, que não teve outras edições. Dessa forma, não é possível verificar se a pretensão dessa coleção era constituir uma espécie de *Bibliothèque rose*¹ brasileira, uma pioneira coleção francesa concebida especificamente para o público infanto-juvenil. Continuando o impasse em relação ao público previsto, a editora Vitória anuncia, em 1951, uma nova publicação, constituída por uma seleta das histórias de Alexandre, escolhidas pessoalmente por Graciliano Ramos:

Pela primeira vez o grande romancista brasileiro Graciliano Ramos publica um volume de contos para crianças: *7 Histórias Verdadeiras*, que acaba de ser lançado pela Editora [Vitória], em primorosa edição com ilustrações de Percy Deane. (IMPrensa POPULAR, 1951 apud SALLA, 2010, p. 331)

¹ A *Bibliothèque rose* é um selo da editora francesa Hachette, fundado no final do século XIX, voltado especificamente para a publicação de títulos que visam o público infantojuvenil.

A atribulada história editorial do volume, no entanto, não se esgota nesse ponto. Em 1962, a editora Martins reuniu toda a produção intermediária de Graciliano Ramos – *Histórias de Alexandre*, *A terra dos meninos pelados* e *Pequena história da República* – sob o título “nada feliz nem autêntico” (CRISTÓVÃO, 1975, p. 181) de *Alexandre e outros heróis*. Tal edição, assumida posteriormente pela editora Record, ainda circula e divide espaço com uma reedição mais recente de *Histórias de Alexandre*, editada especificamente para o público infantil.

Apesar de todas essas particularidades, o livro de façanhas do contador de histórias sertanejo nunca deixou de circular, tampouco pode ser considerado como um volume raro ou inacessível. Portanto, parece-nos bastante curioso o pouco interesse crítico em relação a essa produção. O exame da crítica literária jornalística da época confirma a pouca repercussão acerca do lançamento de *Histórias de Alexandre*: além das referências já evocadas anteriormente, encontramos apenas menções ao título, em divulgações promocionais das editoras.

Esse silêncio, porém, não se restringe somente à crítica jornalística. Alguns estudos que procuraram compreender, de forma mais extensiva, a obra de Graciliano Ramos, também não mencionavam a existência de *Histórias de Alexandre*. É o caso, por exemplo, de *Ficção e confissão*, de Candido, que afirmava que entre *Angústia* e *Memórias do cárcere*, com exceção de *Vidas secas*, o autor teria escrito apenas “alguns contos [...], no geral, medíocres. Constrangidos e dúbios” (CANDIDO, 1992, p. 44). O livro *Histórias de Alexandre* não é sequer citado nominalmente. O silêncio repete-se também na edição da *Fortuna crítica* de Brayner e no volume dedicado ao autor, na coleção *Escritores brasileiros*, da editora Ática, publicado em 1987. Nesses dois casos, não é possível encontrar qualquer referência a esse livro de Graciliano Ramos.

Para piorar o quadro, a primeira edição de *Histórias de Alexandre*, da editora Leitura, e as três primeiras edições de *Alexandre e outros heróis*, pela editora Martins, não apresentavam nenhum tipo de texto de acompanhamento. É apenas a partir da quarta edição que o volume recebe um prefácio bastante peculiar de José Geraldo Vieira, “A dioptria de Alexandre”. Nesse texto, o crítico afirmava não conhecer, até 1969, o livro prefaciado:

Ora, amigo que fui de Graciliano Ramos [...], conhecedor minucioso da sua obra e do cunho antierudito que a caracterizava, ainda assim, naquela tarde de 62 na Rua Barão de Itapetininga, ao ver rente à vitrina o título do seu livro, ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS, supus que

aquele livro póstumo (eu ignorava que a Editora Leitura publicara catorze anos antes HISTÓRIAS DE ALEXANDRE) representava um período na sua vida em que ele, conforme já havia feito em relação à poesia na mocidade, se exercitava em resumos, para consumo infanto-juvenil, de vidas e façanhas célebres. (VIEIRA, 1969, p. 16)

Esse excerto ilustra não apenas a pouca repercussão que teve *Histórias de Alexandre*, como também a tendência a sua leitura pelo viés da literatura infanto-juvenil – o que prejudicou bastante a recepção da obra, pois, até então, esse tipo de literatura era considerado pela crítica como uma produção menor ou inferior (HUNT, 2010), assim como qualquer produção que se relacionasse com a cultura popular. Posteriormente, o prefácio de Vieira foi substituído por um texto assinado por Osman Lins, intitulado “O mundo recusado, o mundo aceito e o mundo enfrentado”. Esse mesmo texto continuou fazendo parte de *Alexandre e outros heróis*, mesmo após a editora Record assumir a publicação do volume. A partir dos anos 2000, um novo texto crítico, assinado por Rui Mourão, o posfácio “Procura de caminho”, passou a compor o volume.

Além dos autores desses textos de acompanhamento, os primeiros estudiosos que se ocuparam, de algum modo, de *Histórias de Alexandre* foram Fernando Cristóvão, em *Graciliano Ramos: Estruturas e valores de um modo de narrar* e Rui Mourão, em *Estruturas: Ensaios sobre o romance de Graciliano*. Nos dois casos, o interesse dos críticos encontra-se, principalmente, na organização estrutural dos escritos de Graciliano Ramos. Para eles, *Histórias de Alexandre* é considerado como uma espécie de construto desmontável, uma série de histórias que remetem, eventualmente, umas às outras, mas que funcionariam também como contos isolados. Nesse caso, o fio condutor seria, certamente, o tema popular. Esse modo de compreender o livro foi certamente influenciado pela sua história editorial, pois algumas de suas histórias já haviam sido publicadas independentemente em jornais antes de sua efetiva edição. No entanto, essa visão é questionável. Tanto a organização dos textos, em *Histórias de Alexandre*, quanto a sua construção, a partir da figura central de seu narrador-personagem, são elementos chave para apreender o ponto de vista do escritor em relação ao lugar e a importância da cultura popular.

2 Aspectos da cultura popular em *Histórias de Alexandre*

A primeira edição de *Histórias de Alexandre* era composta de treze histórias: “Primeira aventura de Alexandre”, “O olho torto de Alexandre”, “História de um bode”, “Um papagaio falador”,

“O estribo de prata”, “O marquesão de jaqueira”, “A safra dos tatus”, “História de uma bota”, “Uma canoa furada”, “História de uma guariba”, “A espingarda de Alexandre”, “Moqueca” e “A doença de Alexandre”. A edição seguinte, já com o nome posição de *Alexandre e outros heróis*, teve o acréscimo de uma décima quarta história – “O missionário”, que havia sido publicada somente em 1952, no *Jornal de Alagoas*. Além das histórias propriamente ditas, o livro apresenta também uma espécie de epígrafe ou advertência e uma breve apresentação de Alexandre e de sua esposa Cesária.

O livro, conforme seu título, apresenta a narração das histórias desse sertanejo. A ação se passa sempre no mesmo espaço – a casa de Alexandre – e a audiência é constituída pelo mesmo grupo de indivíduos. Há poucas mudanças ao longo do livro, em relação a esses dois aspectos. As histórias apresentam as situações pretensamente vividas ou presenciadas por Alexandre, durante sua atribulada existência. No entanto, as histórias não se resumem apenas às aventuras extraordinárias do personagem-narrador. Elas relacionam-se profundamente com o imaginário e a cultura popular. As histórias de caça e de viagem incorporam peripécias e demonstrações de coragem, astúcia e valentia e mesclam-se com diversos motivos folclóricos: animais extraordinários, objetos encantados e acontecimentos pouco usuais.

Até aqui, temos nos referido a esse volume como um conjunto de histórias. No entanto, a própria crítica hesita em relação ao gênero dessa publicação: tratam-se de fábulas, contos folclóricos, um romance de fôlego curto ou uma novela (MOURÃO, 2003, p. 141), uma narrativa fantasiosa do folclore (CRISTÓVÃO, 1975, p. 32)? Apesar de terem sido publicados como contos, é possível perceber a existência de um fio condutor, de uma linearidade e de um movimento que evidencia um certo tratamento consciente da temática popular.

2.1 Enquadramento e esquema narrativo

A primeira questão que se levanta, nos poucos textos críticos que tratam de *Histórias de Alexandre*, é relacionada à função de um elemento paratextual específico – a advertência não-assinada que precede as histórias propriamente ditas e que parece constituir uma pista para orientar a leitura: “As histórias de Alexandre não são originais: pertencem ao folclore do Nordeste, e é possível que algumas tenham sido escritas (RAMOS, 2011, p. 7).

Esse elemento textual foi, ao longo das sucessivas edições, deslocado pelos editores: na edição da Leitura, ele aparece no canto superior direito, já na folha de rosto, antes do título do livro, como

uma espécie de epígrafe, nomenclatura que será retomada por Mourão; nas edições da Martins e da Record, já com o novo título, essa inscrição aparece na folha de rosto do livro, não se caracterizando como um elemento específico do livro *Histórias de Alexandre*. Essa segunda configuração é bastante problemática, pois inclui os outros dois livros da coletânea dentro do escopo de histórias narradas por Alexandre. Apesar desse tratamento descuidado por parte das editoras, essa advertência/epígrafe é um elemento importante, a partir do qual se delineiam as duas possibilidades de leitura propostas pela crítica.

Na primeira possibilidade, a advertência seria efetivamente verídica, escrita (mas não assumida) pela figura autoral de Graciliano Ramos, e confirmaria a preexistência das histórias narradas – e talvez até do próprio contador sertanejo. Nesse sentido, o livro seria somente uma “compilação de causos” (ABEL, 1999, p. 23) ou ainda uma sucessão de “depoimentos singelos” (FARIA, 1978, p. 181), de gosto regional, destinados ao público infanto-juvenil. O autor alagoano teria, dessa forma, assumido uma postura inédita e efetuado um trabalho de coleta de histórias populares e o seu papel teria sido apenas de escriba dessa tradição oral. Nesse ponto de vista, *Histórias de Alexandre* configurar-se-ia então como um compêndio de histórias populares nordestinas, a partir das experiências de Graciliano Ramos com a narrativa popular de sua região natal.

Nesse caso, a advertência dialogaria de forma muito evidente com a cultura popular e a sua realização no mundo, enquanto narrativa e narração, e também com a produção que, do final do século XIX em diante, passou a ser um prolífico campo de interesse de pesquisadores: o registro, a compilação, a organização e a publicação de coletâneas que preservassem a poesia e os contos populares de todas as regiões do Brasil. Dessa forma, a advertência do livro de Graciliano Ramos funcionaria também como um enquadramento: tudo o que se descortina ao longo do livro pertenceria efetivamente ao folclore nordestino. Atenta-se também para o fato de que é possível que as histórias do livro já tenham sido registradas por outros escreventes – folcloristas ou não – e que possam, portanto, já figurar nas páginas dos volumes que procuram fixar a tradição popular da região em questão.

A segunda possibilidade de leitura crítica é compreender a advertência como um artifício do narrador (LINS, 1982, p. 192), do autor-editor (CRISTÓVÃO, 1975, p. 32) ou ainda como um recurso para constituir o universo ficcional do livro, uma “ficção iniciada com recurso ilusionista” (MOURÃO, 2003, p. 137). Para esse último, o elemento paratextual “mal esconde a sua carga de ironia, quando sabemos que não existe qualquer referência a tais lendas em arrolamentos sobre o

folclore da mencionada região, ninguém viu sequer uma delas sendo transmitida no domínio da oralidade” (MOURÃO, 2003, p. 137). De fato, não é possível retrair a fonte original das *Histórias de Alexandre*. Apesar de percebermos algum parentesco entre as histórias narradas pelo contador sertanejo e as narrativas coligidas pelos pesquisadores e folcloristas da época, não é possível estabelecer uma conexão direta. Parece-nos, portanto, que não é a existência o que está em jogo, de fato, das histórias narradas ou mesmo da figura biográfica de um contador de histórias nordestino efetivamente chamado Alexandre, mas sim o funcionamento dessas narrativas enquanto elemento do imaginário popular e do folclore e a existência, ainda que mítica, desse tipo de narrador emulado no livro.

Mourão (2003, p. 138) acrescenta que a epígrafe – somada ao prefácio, “Apresentação de Alexandre e Cesária”, que tem a função de contextualizar e descrever essas duas personagens – teria funcionamento semelhante ao das aberturas de narrativas enquadradas do século XIX. Tanto Vieira (1969, p. 21) quanto Mourão (2003, p. 138) chamam a atenção para esse elemento que contempla e unifica todas as histórias de Alexandre. Entretanto, há uma notável distinção entre a tradição pós-medieval das narrativas enquadradas e essa criação de Graciliano Ramos:

Em “Alexandre”, não se trata de desenterrar um diário, confissão ou correspondência trocada entre amantes secretos, mentira pela primeira vez posta em circulação, num estratagema cuja finalidade era evocar o sonho, esboçar o mistério, inculcando no leitor a impressão de vaguidão, de indeterminado e de profundidade de um mundo ainda de precários meios de comunicação e informação e, portanto, de limites muito desconhecidos. O alter-ego de Graciliano, que comparece nas duas páginas supostamente anteriores ao relato principal, anuncia o conteúdo do que se vai ler, um conjunto de histórias não originais por ele coletadas, insiste em dizer, que circulavam oralmente no mundo nordestino. (MOURÃO, 2011, p. 190)

Histórias de Alexandre não revela a descoberta de um pergaminho, de um manuscrito ou mesmo dessas histórias populares em si. A revelação do livro de Graciliano Ramos é a de uma figura excepcional, mantenedora da cultura popular: esse narrador nato, nos moldes benjaminianos. De acordo com Mourão, o que o autor alagoano faz emergir, da obscuridade, da imprecisão e do desconhecimento, “é a figura de certo aedo que, no seu modo tosco e primitivo, em época indefinida existiu no ambiente rural nordestino” (MOURÃO, 2003, p. 138). A epígrafe enquanto recurso ficcional, serviria principalmente para testemunhar a existência mítica desse contador de histórias e assegurar a sua permanência diante da ameaça de desaparecimento que cercaria as manifestações populares, segundo a compreensão um tanto rígida de cultura popular na época.

Dessa forma, Mourão (2011, p. 199) contraria a leitura ingênua de que *Histórias de Alexandre* seria somente uma antologia, um registro fidedigno das histórias ouvidas, em algum momento da vida de Graciliano Ramos. Diferentemente de outros autores, como Mário de Andrade ou José Lins do Rego, o autor alagoano não deixou registrado – segundo o que apontam, por ora, os registros e estudos – nenhum interesse específico em assumir uma postura ostensiva de folclorista com o seu *Histórias de Alexandre*. Assim, parece-nos mais produtivo perceber que Graciliano Ramos teria apenas assimilado a forma de certas manifestações folclóricas e populares para estruturar a sua criação. Logo, apesar de não ter sido fruto de um trabalho de coleta de narrativas populares, tais manifestações, conforme apreendidas e reconfiguradas por Graciliano Ramos, constituem o centro de *Histórias de Alexandre*, por intermédio da fala monocórdia do seu narrador sertanejo. Assim, segundo Mourão (2003, p. 137), a epígrafe funcionaria como uma construção ficcional ordenando e estruturando o livro, tanto em relação às instâncias narrativas quanto à matéria narrada.

Cristóvão (1975, p. 12-13) distingue o esquema narrativo de *Histórias de Alexandre* de todos os outros encontrados na obra de Graciliano Ramos, já que, nesse caso, é possível identificar a emergência de dois narradores: o primeiro deles, implícito, em terceira pessoa, faz a apresentação de Alexandre e de Cesária e detalha as cenas em que as histórias são contadas; o segundo é o próprio Alexandre, narrador-personagem e protagonista, tanto do livro quanto das próprias histórias. Esse segundo narrador dirige-se oralmente ao seu público, realizando a narração de suas histórias. Logo, o narrador implícito realizaria, segundo Cristóvão (1975, p. 13), “a narração duma narração”.

Esse crítico propõe uma distinção hierárquica entre o narrador implícito e Alexandre. A adoção do foco narrativo em terceira pessoa permitiria driblar as condições restritas do uso da primeira pessoa, garantindo uma movimentação mais livre – ainda que dentro dos limites da onisciência – do narrador implícito. O crítico prossegue afirmando que “para dar largas à inventiva do vaqueiro das histórias fantásticas era, pois, a 'não-pessoa' que convinha utilizar com a finalidade de descrever, dar ou tirar a palavra de Alexandre, a Cesária, a seu Libório” (CRISTÓVÃO, 1975, p. 33). Alexandre, portanto, enquanto personagem-narrador estaria completamente subordinado ao narrador implícito, estando restrito a manter viva a narração e, conseqüentemente, as próprias narrativas e a tradição em que se encerravam. Além disso, a onisciência do narrador implícito é tão marcada que ela absorve, além do narrador em terceira pessoa, a instância que Cristóvão chama de autor-editor. Esse autor-editor, responsável tanto pela epígrafe quanto pela “Apresentação de Alexandre e Cesária”, o alter-ego de Graciliano Ramos já mencionado anteriormente, também seria absorvido pelo narrador principal.

Portanto, tanto a epígrafe quanto o texto de apresentação do personagem-narrador são percebidos como subterfúgios do narrador principal para criar um clima de veracidade em cima da narração de Alexandre.

No propósito de registrar, tanto esse narrador mítico quanto as suas narrativas, a estratégia de alternar essas duas vozes narrativas parece bastante eficiente. Contextualiza-se, muito sutilmente, o falante sertanejo e a sua audiência, apenas o suficiente para criar uma atmosfera vagamente familiar, de intimidade e também de estranhamento. Atribui-se breves características a cada um dos ouvintes, para que o leitor possa compreender a função de cada um desses indivíduos nesse círculo restrito, assim como a dinâmica que rege as suas interações. Finalmente, ao invés de simplesmente apresentar as histórias – como é o caso, por exemplo, dos compêndios e coletâneas de lendas e contos folclóricos –, dá-se voz ao contador sertanejo, cede-lhe a palavra para que ele se ocupe, tanto quanto possível, da narração de suas aventuras.

Outros críticos também evocam a interferência desses dois narradores. Mourão (2003, p. 145), em caminho oposto ao de Cristóvão, afirma que a predominância da voz de Alexandre e a sua loquacidade afastam a figura do narrador implícito, que se limitaria a esboçar rápidas considerações a respeito das cenas em que se inicia a narração, além de tecer comentários, quando necessário, a respeito de alguma intervenção da audiência ou mesmo da postura de Alexandre. Lins (1982, p. 191-192), por sua vez, não efetua uma completa distinção entre essas duas instâncias narrativas. Para ele, o narrador oculta-se e disfarça-se sob a pele de Alexandre. No entanto, é esse narrador implícito quem decide quais histórias serão narradas e em qual ordem, quem fala ou quem cala. Dessa forma, esse narrador, aparentemente isento e distanciado, exerceria uma força selecionadora e unificadora, tanto em relação às histórias quanto em relação à linguagem empregada por Alexandre.

Graças à emergência desses dois narradores, a personagem de Alexandre é representada de acordo com dois pontos de vista distintos: o do autor-editor, em “Apresentação de Alexandre e Cesária” – que está colado ao ponto de vista do narrador implícito – e a do próprio Alexandre. Além disso, o próprio contador de histórias faz a distinção entre o que ele é no momento da narração e o que ele foi no passado, retratado em suas histórias. Somos apresentados, no prefácio, ao contador de histórias:

No sertão do Nordeste vivia antigamente um homem cheio de conversas, meio caçador e meio vaqueiro, alto, magro, já velho, chamado Alexandre. Tinha um olho torto e falava cuspidando a gente, espumando como um sapo-cururu, mas isto não impedia que os moradores da

redondeza, até pessoas de consideração fossem ouvir as histórias fanhosas que ele contava. (RAMOS, 2011, p. 11)

O narrador implícito apresenta o contador de histórias de modo bastante particular. A primeira característica evocada é o fato de Alexandre ser “um homem cheio de conversas”. Dessa forma, o contador de histórias pode ser tanto um indivíduo para quem nunca falta material para enredar seus ouvintes quanto um grande mentiroso. No entanto, essas duas formas de perceber esse indivíduo não parecem ser, de modo algum, excludentes. Ao mesmo tempo em que a ladainha mantida pela voz de Alexandre domina praticamente todo o livro, a veracidade do que é narrado é constantemente questionada pela personagem de Firmino e reiterada pelos outros ouvintes. A tensão entre a verdade e a mentira, entre a realidade e a ficção, é uma das forças que movimenta a narração.

Além disso, o narrador implícito também chama a atenção para o fato de que Alexandre gozava de uma certa fama local, atraindo ouvintes para os seus causos, dentre os quais até mesmo “pessoas de consideração”. No entanto, esses ouvintes nobres nunca aparecem efetivamente durante as sessões de narração. A audiência não se modifica ao longo do livro, sendo constituída sempre pelos mesmos poucos indivíduos.

Além de sua fama como contador de histórias, Alexandre também é introduzido, pelo narrador implícito, pelas duas principais ocupações que exerceu ao longo de sua vida: vaqueiro e caçador. Essas ocupações, tradicionalmente associadas aos sertanejos, inspiram um certo grau de valentia que é, no entanto, amenizado pelo fato de Alexandre tê-las exercido somente pela metade: ele foi “meio caçador, meio vaqueiro” (RAMOS, 2011, p. 11). Essas duas ocupações de Alexandre exercerão grande influência no tipo de narrativa que ele conta.

A descrição de Alexandre comporta também, além das características já mencionadas, um lado decadente: trata-se de um indivíduo esquelético, envelhecido, com o couro tão curtido quanto o do baú no qual sentam-se seus ouvintes e dos livros de história que nunca leu. À decrepitude da velhice, somam-se ainda outros traços grotescos: “tinha um olho torto e falava cuspidando a gente, espumando como um sapo-cururu” (RAMOS, 2011, p.11). No entanto, o defeito físico, o olho torto, passou a ser motivo de orgulho e tema da sua mais célebre história:

Enquanto ele falava, cuspidando a gente, o olho certo espiava as pessoas, mas o olho torto ficava longe, parado, procurando outras pessoas para escutar as histórias que ele contava. A princípio esse olho torto lhe causava muito desgosto e não gostava que falassem nele. Mas com o tempo se acostumou e descobriu que enxergava melhor por ele que pelo outro, que era direito. Consultou a mulher:

– Não é, Cesária?

Cesária achou que era assim mesmo. Alexandre via até demais por aquele olho: Não se lembrava do veado que estava no monte? Pois é. Um homem de olhos comuns não teria percebido o veado aquela distância. **Alexandre ficou satisfeito e começou a referir-se ao olho enviesado com orgulho.** (RAMOS, 2011, p. 12-13, grifo nosso)

O olho torto era, antes, causa de embaraço e de desgosto. Foi a confirmação resiliente de Cesária e a repetição constante das narrativas extraordinárias que transformaram o defeito em qualidade, uma realidade devastadora em aventuras fantasiosas, capazes de ressignificar a terrível experiência do contador de histórias. O olho torto é mencionado algumas vezes pelo narrador implícito, sempre apresentando uma espécie de contraponto ligeiramente grotesco à matéria fantástica e às vantagens narradas pelo contador de histórias: “Baixou a cabeça, esteve um minuto remexendo os beijos, monologando. Pouco a pouco desanuviou-se, um sorriso franziu-lhe a cara, o olho torto brilhou. [...] Ficou um instante em silêncio, gesticulando, o olho fixo na telha” (RAMOS, 2011, p. 66).

O olho torto de Alexandre, sempre fixo enquanto ele narra as suas histórias, não fita seus ouvintes. Esse olho parece mirar em outro lugar e em outra época, além das telhas da modesta casa, além da magra realidade exposta pelo narrador implícito. É com esse olho, encontrado “murcho, seco, espetado na ponta de um garrancho, todo coberto de moscas” (RAMOS, 2011, p. 25) após o incidente com a onça, que Alexandre assombra-se: com esse olho torto, o contador examina, ainda mantendo contato parcial com o mundo exterior, tudo o que se passa também em seu interior, apanhando seus pensamentos, ainda na fonte, antes de serem traduzidos pela realidade imperfeita das palavras. O defeito tornou-se uma qualidade espantosa, pois, graças a ele, “o mundo verdadeiro ficou mais perfeito que antigamente” (RAMOS, 2011, p. 26). Dessa forma, o tempo do presente só ganha vida por intermédio da fabulação provida pela incansável voz fanhosa do sertanejo que, por sua vez, sustenta-se pela voz de uma longeva tradição oral da cultura popular.

Como já vimos e conforme está anunciado em “Apresentação de Alexandre e Cesária”, os serões de Alexandre fazem parte do passado: logo, o que aparece em *Histórias de Alexandre* já não existe mais – o grupo de ouvintes, as histórias, o próprio narrador. Nesse sentido, podemos enxergar Alexandre como um representante daquele narrador nato de Benjamim (1994), um tipo em desaparecimento, assim como a própria arte de narrar. A sua figura ambivalente – meio camponês, meio viajante – não distingue, efetivamente, o que é sua experiência pessoal daquilo que faz parte de um repertório narrativo comum. Essa hibridação entre a sua experiência pessoal, individual, e a experiência do mundo, coletiva, mediada amplamente pelo filtro da cultura popular, é a fonte da qual

bebe Alexandre. Trata-se, portanto, de um “narrador [que] retira da experiência o que ele conta; sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Na realidade imperfeita das narrativas de Alexandre, o extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão (BENJAMIN, 1994) e as eventuais demandas por verossimilhança e racionalidade, sempre representadas pela personagem de Firmino, quebram o fluxo contínuo, encantatório da narração, ameaçando fazer ruir o reino no qual o contador de histórias que se assemelha a um sapo-cururu é o major, a maior autoridade das redondezas. O mundo, no qual se montam onças e bodes e estribos vertem prata, não pode existir, ao mesmo tempo, com o mesmo mundo das informações precisas e das explicações lógicas. Nesse caso, narrador, narrativa e mundo ordenado por esses dois pares estão fadados ao desaparecimento. Esse posicionamento composicional de Graciliano Ramos alinha-se com certa concepção de cultura popular e de folclore, muito em voga no início do século XX, que compreendia esses fenômenos como “traços residuais do passado” (AYALA; AYALA, 1995, p. 15) fadados ao desaparecimento.

Nesse ponto, parece-nos suficientemente claro que não é possível distinguir, em *Histórias de Alexandre*, qual contribuição vem da experiência do narrador e qual emana da cultura popular. De fato, nessa obra de Graciliano, o que está em jogo não são somente as histórias propriamente ditas, o seu registro, mas sim toda uma arte popular de narrar, mediada por essa figura algo mítica do contador de histórias. Alexandre tem plena consciência de sua função de narrador, compartilhando em suas narrativas certo patrimônio cultural comum a todo o grupo. A eterna narração de Alexandre não só mantém acesa a chama da narrativa oral, popular, mas também ameniza a solidão desse grupo de ouvintes abandonados à própria sorte, na beirada civilizada do mundo, longe do alcance da modernidade.

Como vimos, a recepção desse livro de Graciliano Ramos foi atravessada pelo preconceito relacionado ao estatuto da cultura popular dentro de certas esferas artísticas. No entanto, Mourão (2003, p. 147) reitera que esse livro deve ser examinado com mais cuidado, que se sustenta, de forma autônoma, pela força da narração de Alexandre e que deve ser tomado como um importante elemento constituinte da obra de Graciliano Ramos e não como uma mera publicação intermediária. Apesar de ter sido sempre considerado como uma criação dirigida ao público infante-juvenil, *Histórias de Alexandre* pode interessar, sem dúvida alguma, um público mais exigente e maduro, atento ao uso estetizante da linguagem. Ainda segundo Mourão (2003, p. 147), o livro de Graciliano constitui um

painel novo, vívido e verídico da região nordestina, uma etapa distinta na carreira de um experimentador de linguagem que buscava outras formas e não aceitava a ideia de repetir uma fórmula bem-sucedida. Enfim, o escritor alagoano incorpora e perpetua, em seu livro, a característica figura do contador de histórias, garantindo com sucesso o espaço desse tipo de tradição popular no bojo da grande tradição literária.

REFERÊNCIAS

ABEL, Carlos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Editora UNB, 1999.

AS CELEBRIDADES, SUAS MANIAS E PREDILEÇÕES. **A Noite**. Rio de Janeiro: 19 de dez. 1944. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&PagFis=31098Ac>. Acesso em: 15 dez. 2015.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

BENJAMIN, Walter. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CRISTÓVÃO, Fernando. **Graciliano Ramos: estruturas e valores de um modo de narrar**. Rio de Janeiro: Editoria Brasília, Mec, 1975.

FARIA, Octavio. Graciliano Ramos e o sentido humano. In: BRAYNER, Sônia (Org.) **Graciliano Ramos**. Coleção Fortuna crítica, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LINS, Osman. O mundo recusado, o mundo aceito e o mundo enfrentado. In: RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. 2. ed. São Paulo: Record, 1982.

LIVRO DO DIA. **A manhã**. Rio de Janeiro: 23 de mai. 1944. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&PagFis=23212>>. Acesso em: 20 maio 2016.

MONTEIRO FILHO, Edmar. **O major esquecido:** Histórias de Alexandre, de Graciliano Ramos. 2013. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP.

MOURÃO, Rui. **Estruturas:** Ensaios sobre o romance de Graciliano. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

NOVAES COELHO, Nelly. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (Org.) **Graciliano Ramos.** Coleção Fortuna crítica, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis.** São Paulo: Record, 2011.

SALLA, Thiago. **O fio da navalha:** Graciliano Ramos e a revista Cultura Política. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, USP, São Paulo, SP.

VIEIRA, José Geraldo. A dioptria de Alexandre. In: RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis.** São Paulo: Martins, 1969, p. 9-22.

[Recebido: 19 out. 2016 – Aceito: 13 nov. 2016]